

Os bororos : por um punhado de sal e rapadura

MERURE (O GLOBO) — “Temos duas estradas: vamos seguir a nossa religião ou a religião da Igreja? Quando foi ensinada a religião da Igreja, muitas coisas nossas eram proibidas. Era proibido o feiticeiro, remédios nossos e animais sagrados, que o bororo respeitava. Isso era proibido pela Igreja. A gente fica confuso — qual seria o mais verdadeiro? Quem compreende um pouco a criatura acredito que não ignora que Deus deu poder às plantas. Nós usamos remédios das plantas. Nós temos uma crença. Temos benzedor, e acredito que tudo vem da natureza. A Igreja entrou um pouco com energia. Mas a gente tem que ter fé em tudo. Para nós foi proibido. Ninguém pode acreditar nas fábulas, nos feiticeiros, nos animais. Mas certos animais pertencem ao demônio e nós respeitamos. Muitos índios respeitam. Mas esse modernismo não respeita nada”. (Eugênio Rondon, “capitão” da aldeia dos bororo de Merure)

Em silêncio, os 35 missionários participantes da IV Assembléia Regional de Mato Grosso do Cimi ouviram o depoimento do velho capitão bororo que, em voz pausada, falou do “choque cultural” que sofrem os indígenas frente à atuação missionária. Choque cultural sofrido por missionários e índios era o tema daquela reunião de terça-feira (dia 15). Mas nem todas as autocriticas apresentadas em plenário por religiosos e leigos, nem as críticas à ação paternalista da Igreja atingiram tanto os missionários quanto o depoimento de Eugênio Rondon, Waldomiro, e de Egidio, todos bororos.

As dúvidas religiosas que se criaram, a mudança de hábitos, as conseqüências negativas, a radical mudança da cultura bororo — depois do contato com os missionários salesianos que atuam na área desde 1902 — ficaram claras no depoimento dos índios.

— Tivemos sofrimento — disse Eugênio Rondon — à medida que nos aproximamos da civilização, e estamos sofrendo cada vez mais. Quando vivia no mato, bororo não precisava do sal, da rapadura. Se defendia com folha para cobra não morder. Agora sofremos toda espécie de doença dos brancos. Nossos antepassados nunca morriam com 50 ou 60 anos. Sem remédios, nossos avós viviam cem anos. Não usava esse fumo do branco. Usava uma folha do mato que não era tão venenosa. Bebia suco de palmeira, não pinga. Não tinha essa confusão que tinha o branco. Menino respeitava o mais velho. Se não trocarmos esse sistema, nossa tribo vai desaparecer.

Pelo menos durante 20 minutos Eugênio falou da modificação de todos os ri-



Eugênio Rondon, bororo da aldeia de Merure: choque cultural

tos e tradições de sua tribo. Hoje, por exemplo, praticamente não existem mais casamentos entre índios e índias, e, quando isso acontece, não se invoca mais o que o bororo chamou de “certo ser” para dar sorte na caça e pesca. Nem se respeita mais o luto de 30 dias — período em que “nunca ninguém brincava, nem ria até que não se transportasse os restos mortais para a lagoa ou rio”. Também no batismo não se dá mais o nome do clã da mãe à criança.

— Nossa tribo — concluiu Eugênio — “tinha seus deuses até lidar com os missionários”.

Waldomiro é um bororo jovem, estudou com os brancos. Pertence a uma geração que já não se entra à vida indígena nem à vida “civilizada”.

— Só agora compreendo — disse ele — o choque que me provocou o estudo da missão, que deveria, antes, ter aprendido comigo. Mas ela mudou todos meus procedimentos. Agora, o impacto da minha cultura foi todo embora, e não há mais tempo para recuperação. Nós, índios, sem cultura, não somos povo nenhum.

Waldomiro culpa os missionários por “não tentarem se adaptar aos métodos do índio”, de “entrar com autoridade” e, conseqüentemente, “mudarem o índio”.

— Tenho um irmão — contou ele aos missionários participantes da IV Assembléia Regional do Cimi — que foi para Brasília e teve de se acostumar

aos costumes dos brancos. Os índios não procuram os padres. Então, eles deviam agir de maneira que não prejudicassem o índio. Meu irmão não impôs nada. E, nesse ponto, eu acho que a missão falhou um pouco.

No entanto, Waldomiro acha muito difícil restabelecer sua cultura:

— Se eu tento, existem outros que não querem, e eu atribuo tudo isso a uma civilização que a missão colocou dentro de nós. Acho que nós jovens, disse ele, poderíamos restabelecer nossa cultura, mas do jeito que está, dificilmente haverá modificação. Chegamos a um ponto em que as moças (índias) não querem mais casar com índios e índio também não quer casar com índia.

Apesar de defender a recuperação de sua cultura, Waldomiro não acredita que isso seja possível. — Eles — diz, referindo-se aos órgãos que atuam junto à população indígena — nem deixam índio ser índio, quanto mais fazer mais índio.

O bororo Egidio Rondon, que também participou da reunião dos missionários na Colônia Indígena de Merure, atribuiu ao “contato com o branco” a mudança e o abandono de suas tradições, e revelou, em seu depoimento, o impacto e as dificuldades para entender a nova religião que lhes foi ensinada.

— Se Ele (Deus) mandou anunciar para todo mundo, como posso abandonar esse caminho? Se eu já nasci dentro da religião que Deus nos deu... Como Ele mandou para todos? Talvez Ele tenha se esquecido de nós.

Durante a reunião foi abordado ainda o problema do alcoolismo entre os bororos, especialmente depois que a missão salesiana que atua no local substituiu — em comum acordo com os indígenas — o dinheiro-vale (pago pelos trabalhos do índio à missão) pelo cruzeiro, ou seja, permitindo que adquirissem qualquer produto na cidade.

Contudo, apesar dessas críticas à missão salesiana — que começou a trabalhar com os bororos, em Merure, em 1902 — os índios, como eles mesmo reconhecem, não conseguiram viver “sem proteção”. Ao contrário, recentes modificações na forma de atuação da missão, no sentido de evitar uma ação paternalista, foram criticadas pelos indígenas, que reivindicam, por exemplo, que continue o fornecimento de alimentos (arroz, feijão, farinha etc.) e roupas.

O diretor da Colônia Indígena de Merure, José Marinone, reconheceu algumas falhas na atuação da missão salesiana, ressaltando, porém, que ela está se modificando, abandonando o paternalismo pela conscientização e promoção da autolibertação. Até 1976, por exemplo, as terras do bororo, em Merure, pertenciam à missão, e os índios trabalhavam para a missão. A partir da demarcação da reserva, contudo, os salesianos entregaram aos bororos, após um período de preparação, as máquinas, equipamentos e os meios necessários para o trabalho em seu próprio proveito. Paralelamente foi reduzido o assistencialismo, limitando-se, por exemplo, o fornecimento de alimentos.

— Tudo — afirma o padre, têm que ser feito objetivando a autopromoção e autodeterminação. — Os índios têm que ser donos de sua própria história.

Índios - 130

OS ÍNDIOS - UM MOMENTO DE DECISÃO

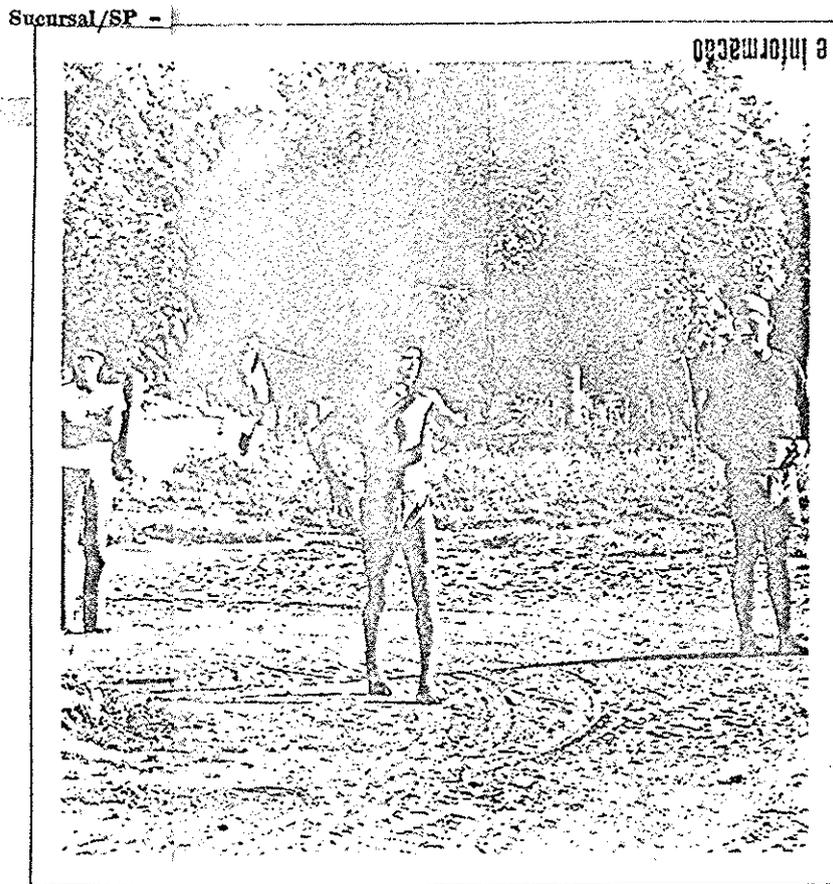
257

Em julgamento, as missões religiosas

TANIA GONÇALVES,
MARCELO BERABA E
MARCIO ARRUDA (Fotos)

“Só agora compreendo o choque que me provocou o estudo da missão. Ela mudou todo o meu procedimento. Agora, o impacto da minha cultura foi todo embora, e não há mais tempo para recuperação. Nós, índios, sem cultura, não somos povo nenhum”. (Waldomiro, jovem bororo de Merure, Mato Grosso)

“E tranqüilo: devemos devolver aos índios não apenas suas terras mas sua autodeterminação. Mas esta autodeterminação vai abalar as estruturas missionárias, acostumadas a fazer e a desfazer dos índios, sem consultá-los. E para partir para esta conscientização, a Igreja missionária terá de destruir as atuais estruturas ideológicas e arquitetônicas. Derrubar tudo”. (Padre Antônio Iasi, missionário jesuíta, ex-secretário-executivo do Cimi)



Aldeia de São Marcos, nos dias de hoje: técnicos e instrumentos da civilização oficial para uso dos índios.



O futebol entre os xavantes: assimilação de traços de "cultura branca"



E quase meio-dia, e o sol do Mato Grosso, forte, deixa todos mais ou menos entorpecidos. Os adolescentes xavantes, no entanto, correm, fôlego de gato, atrás de uma bola murcha, 20 de cada lado, numa pelada que ignora o almoço que acabaram de comer e o sol a pino. Um bom número deles calça chuteiras. Perto dali, a menos de 200 metros, cerca de 60 índios, de várias tribos do Brasil, ouvem, atentos, Mário Juruna, capitão xavante da aldeia de Numucurá. Juruna está zangado: — A gente tá estragando demais a tradição. Os índios aqui tão aprendendo futebol, e esta não é tradição nossa. Padres vão passar cinema de noite, e esta não é tradição nossa. Eu fico triste porque isso está fazendo esquecer a tradição do índio.

Não foi só a Funai alvo das críticas dos índios reunidos em São Marcos, aldeia xavante, semana passada, para a XI Assembleia de Chefes Indígenas. Nem a terra o único problema levantado. Diversos “capitães de aldeia” enxergaram nas missões religiosas — cerca de 50 em todo o Brasil, atuando em 220 áreas diferentes e assistindo a 50 mil índios — um dos responsáveis pela atual miséria indígena. Uma das declarações lidas na assembleia enfatizou este aspecto: “... (as missões) nos matam por dentro, esquecem as nossas tradições, cultura e religião. Impõem-nos outra religião, desprezando os

valores que já possuímos. Isso descaracteriza-nos ao ponto de nos envergonharmos de sermos índios”.

A consciência desta perda cultural, que aflorou em diversas falas de chefes indígenas, foi amplamente debatida numa reunião paralela, a 30 quilômetros da aldeia xavante de São Marcos, na missão salesiana de Merure. Durante cinco dias, 35 missionários participaram da IV Assembleia Regional de Mato Grosso do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), ligado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). A assembleia teve importância fundamental na medida em que convidou para algumas de suas reuniões, índios bororo que, ao longo dos últimos 80 anos, sofreram intensa aculturação.

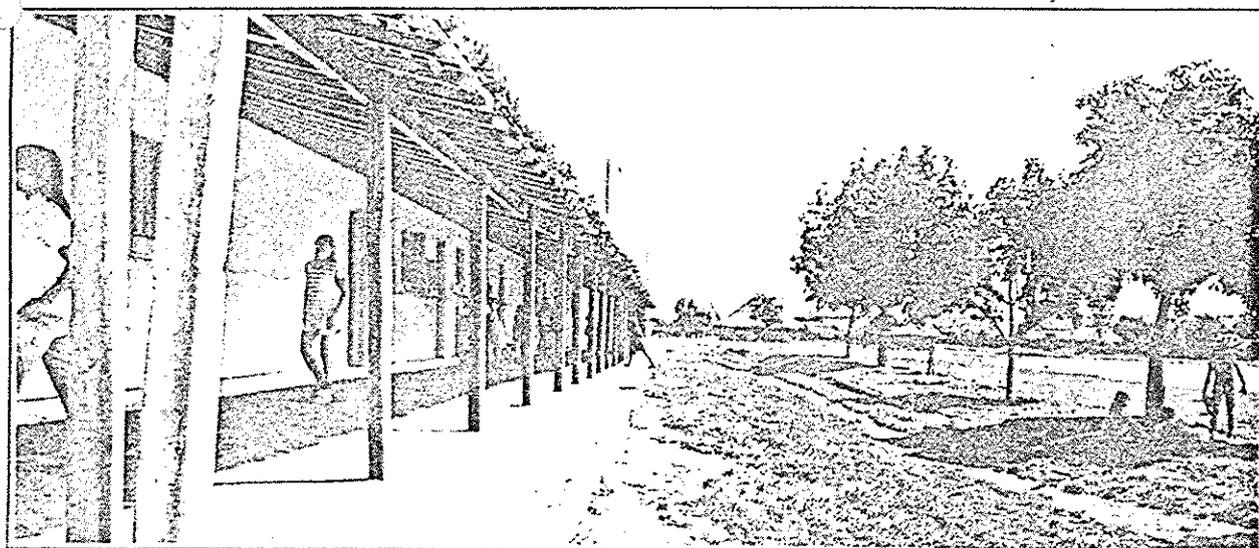
É possível destruir, como querem, hoje, quase todos os missionários católicos que trabalham com grupos indígenas, toda a tradição européia de evangelização e catequese e devolver aos índios seu próprio destino? Alguns desses missionários, embora de boa vontade, ainda se embaraçam com as resistências que existem dentro da própria Igreja e com o que significaria isso na prática: no caso de São Marcos, a destruição de todo o espaço arquitetônico, planejado, 20 anos atrás, para dominar a aldeia. O atual diretor da missão, padre Miguel, admite a dificuldade de se transformar toda uma mentalidade, de uma hora para outra, inclusive porque isto choca os próprios

índios, acostumados com dezenas de anos de paternalismo e submissão. Mas ele não vê alternativa dentro do projeto de conscientização a que se propõe.

— A melhor coisa que aconteceria era derrubar isso tudo aqui — e aponta para o velho colégio salesiano. — Se não tivéssemos esta estrutura material, 90 por cento dos nossos problemas estariam resolvidos. Mas isso não basta. Temos de derrubar, junto com a estrutura arquitetônica, a estrutura ideológica.

Este processo já foi iniciado por jesuítas e salesianos que trabalhavam no norte de Mato Grosso. A tradicional Missão Anchieta, que mantinha o internato de Utiariti, às margens do rio Papagaio, foi abandonada. E os jesuítas trocam, pela Teologia da Libertação e pela prática da Encarnação Missionária (que seria, a grosso modo, levar uma vida mais próxima possível da dos índios), um período traumático em que as crianças e os adolescentes de cinco grupos tribais diferentes ficavam anos internos e em que a primeira preocupação dos padres era dar um banho nos índios, cortar seus cabelos e torná-los fisicamente iguais.

Entre os salesianos, já foi desativado o internato dos bororo, em Merure, que funcionou durante 80 anos. Em São Marcos, este pode ser o último ano. São mudanças concretas que, segundo os missionários, apontam para uma nova mentalidade dentro da Igreja.



O prédio da missão salesiana de São Marcos: padrões arquitetônicos estranhos à realidade dos índios